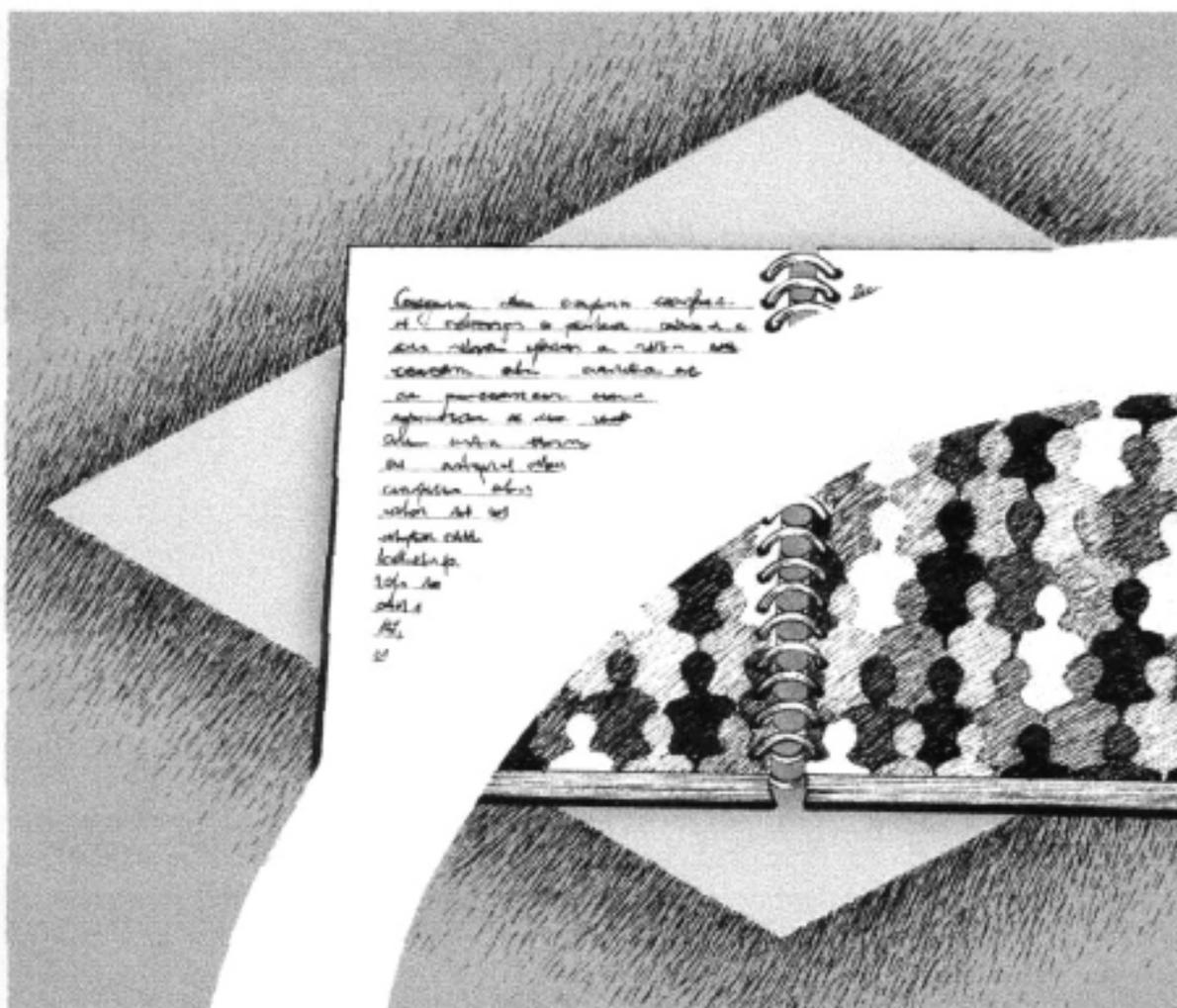


Trajétoria intelectual e identidade do educador: Anísio Teixeira (1900-1971)*

Clarice Nunes

Palavras-chave: Anísio Teixeira; biografia.

Ilustração: Tatiane Ferrinho

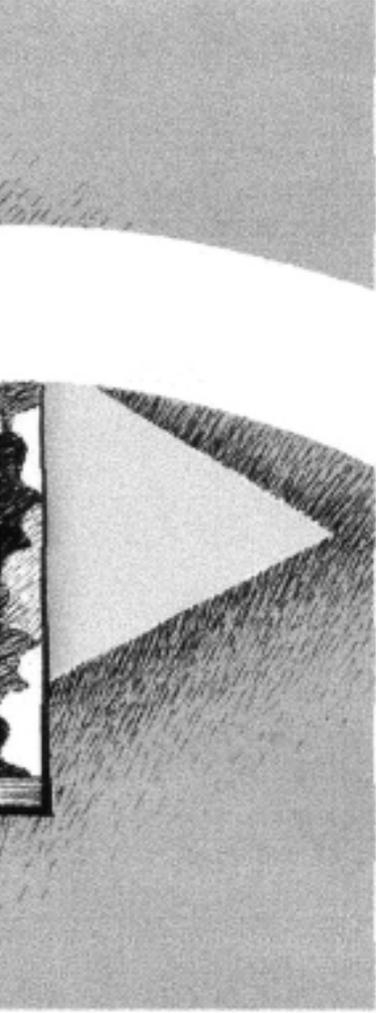


* Este texto é uma versão condensada da conferência de abertura apresentada na 23ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), realizada em Caxambu, em setembro de 2000.

A trajetória de Anísio Teixeira: sua vida é sua obra

Assim que nasce, o sujeito empreende uma viagem rumo ao desconhecido, já que não sabe ainda quem é, mas vai descobri-lo nas suas respostas às provocações da própria existência. Na tensão entre a responsabilidade e ação daquele que se expõe ao mundo, no mundo, e o determinismo das forças que lhe são externas delinea-se todo um espaço de manobra que leva à negociação das circunstâncias vividas. Essa concepção de negociação implica uma noção de intersubjetividade. Isto é, no cotidiano, o indivíduo raciocina e age pressupondo a existência de outros que, como ele, têm consciência, vontade, deveres, emoções. Nesse sentido, só posso fazer uma interpretação da trajetória de Anísio Teixeira colocando-o em relação dentro da sua própria geração e entre a geração de educadores que o antecedeu e o sucedeu. Também só posso compreender a sua obra entendendo que ela se confunde com o trabalho de seus colaboradores, de seus amigos, de todos os professores que, nas salas de aula, despertam a dignidade de que somos todos portadores, embora nem sempre a exerçamos. A sua obra é o sentido que dela fazemos, as representações que dela construímos e aonde palpitam os valores que abraçamos. Se a obra é o efeito de uma ação, o que me provoca é o que a move. O que me instiga é essa palpitação delicada que convida a nossa inteligência e a nossa sensibilidade a se empenharem uma vez mais, levantando perguntas sobre a atualidade desse educador e sobre a inspiração que sua contribuição pode ter para os educadores brasileiros contemporâneos.

Anísio não nasceu educador. Tornou-se educador num processo laboriosamente construído, lapidado no diálogo com os diversos educadores que dentro dele transitaram, na intensa experiência dos exercícios espirituais realizados na juventude, nas reflexões suscitadas pelas viagens internacionais, nas fiéis amizades, como a que manteve com Monteiro Lobato e Fernando de Azevedo, na experiência da gestão pública da educação. Nesse sítio de vivências, povoado de lembranças pessoais, de forças vivas, quero lançar luz sobre as sombras e surpreender... os *momentos de ruptura*. Os momentos de ruptura são constelações de sentido nas



Celebrar a trajetória de Anísio Teixeira é trazer para o centro das nossas reflexões momentos decisivos da nossa história da educação. Ele fez parte de uma geração de intelectuais urbanos a quem coube, sobretudo, na passagem do século 19 para o século 20, grande responsabilidade pela discussão do tema da modernidade e dos projetos políticos que lhe diziam respeito, a partir de certa visão de sociedade brasileira e de povo brasileiro. Ao trabalhar nos maiores e mais importantes centros urbanos do País, liderando as famosas reformas de instrução pública, nos anos 20 e 30, esses intelectuais criaram não só a possibilidade de estruturar um campo de identificação dos educadores mas, sobretudo, interferiram na ordenação simbólica das cidades, armando novas representações do urbano e do seu papel profissional dentro dele. Compreender o móvel dessa ação é, em parte, meu objetivo neste texto. Para tanto, tomo como caso a trajetória de Anísio Teixeira, o maior representante da tradição pedagógica democrática em nosso País.

quais o sujeito é obrigado à optar entre render-se ao mundo ou afirmar-se em sua diferença no mundo. Identifico três momentos de ruptura na trajetória de Anísio Teixeira.

A primeira ruptura

Anísio em sua juventude. Um rosto inaciano, olhando o mundo e vendo nele os sinais de Deus. Vinte anos de idade, tendo em suas mãos o passaporte de uma cultura humanista cristã que lhe permitiu a entrada na discussão dos mais diversos temas sociais, culturais, políticos e literários. Capaz de manejar a retórica como instrumento de poder, invenção e cultura. Formado advogado a contragosto. Congregado mariano, ávido pelas leituras filosóficas e piedosas: Santo Inácio, Antonio Vieira, São Tomás de Aquino. Admirador da monarquia. Filiado à tradição da restauração da Igreja Católica. Alguém que interiorizou uma visão hierarquizada dos homens e considerava a família como instituição modelar da sociedade. Defensor de uma concepção elitista e seletiva do ensino.

Militante do movimento católico no início da década de 20, Anísio Teixeira estava, nesse momento, ideologicamente próximo de Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Plínio Salgado. Ao assumir o comando da Inspeção Geral do Ensino, em 1924, na cidade de Salvador, Anísio viveu o cargo com fervor oligárquico e como um instrumento que tentava ampliar a área de influência da Igreja dentro do Estado. Espremido entre as aspirações da autoridade religiosa e as da autoridade paterna, resistiu ao sacerdócio e à carreira de político profissional. Viajou para a Europa e Estados Unidos. Por força do cargo que ocupava entrou, pela primeira vez, em contato com uma literatura pedagógica e um sistema público de educação que não conhecia. Em oposição à cultura, à organização, à competência docente dos colégios nos quais estudara, deparou – em sua cidade e em seu Estado natal – com a pobreza de recursos humanos e materiais, a dispersão e a desarticulação dos serviços educativos, o despreparo do professor, a imoralidade, a corrupção e a acomodação dos poderes públicos, alimentando a ineficiência da máquina estatal.

Foi um impacto para a sua sensibilidade! Essa vida, que acolhemos em nossas palavras, foi sacudida nos seus fundamentos. Não podemos dar conta do rodamoinho de emoções, provocado pelo contato com a civilização moderna e também pelos pequenos acontecimentos do cotidiano que solaparam a sua confiança na Igreja e o levaram a abdicar do sacerdócio, pelo qual se sentia predestinado. *Anísio Teixeira fez a travessia do seu primeiro deserto: o deserto da fé*, quando abdicou de uma religião que lhe dava segurança, mas que também não dava resposta às suas mais vivas inquietações.

A passagem pelo Teachers College de Columbia, no final dos anos 20, foi vivida com uma intensa carga afetiva, uma experiência de conversão pelo avesso. Numa dimensão laica Anísio reviveu situações que conhecera no "mundo dos colégios jesuítas", o que o empurrou a reinterpretar a realidade e produziu aos seus olhos e aos olhos dos outros uma ruptura biográfica que acentua o *antes* e o *depois* da estadia nos Estados Unidos. Adotou Dewey como sua plataforma de lançamento para o mundo, como viga mestra para compreender o que se passava na sociedade norte-americana. Escolhera um crítico contundente dos impasses da democracia norte-americana, um colaborador direto de instituições instaladas no meio da população pobre e imigrante com objetivos filantrópicos e educativos, um pensador que denunciava, aos Estados Unidos, que a ameaça da democracia não estava fora do país, mas dentro dele, nas atitudes pessoais e nas instituições.

Escolher John Dewey, de quem seria o primeiro tradutor no Brasil, era optar por uma alternativa que substituiu os velhos valores inspirados na religião católica e abraçados com sofreguidão. Era apostar na possibilidade de integrar o que, nele, estava cindido: o corpo e a mente, o sentimento e o pensamento, o sagrado e o secular. Era abrir o seu coração para o pensamento científico, apostando na crença de que o enraizamento e as direções da mudança social a favor da democracia estão postas na infância. O pragmatismo deweyano forneceu-lhe um guia teórico que combateu a improvisação e o autodidatismo, permitiu-lhe operacionalizar uma política e criar a pesquisa educacional no País.

As marcas dessa ruptura se evidenciaram nos deslocamentos que operaram na sua vida e nas novas idéias que horrorizaram alguns dos seus amigos mais íntimos que passaram a vê-lo então como um baiano americanizado. Mas essa imagem não era só dos seus amigos baianos. Alguns rapazes de São Paulo, que viriam a ser seus colaboradores nos anos 30, no Distrito Federal, também construíram dele essa imagem que reconheceriam, um pouco envergonhados, ser equivocada. Ao visitar a universidade de Columbia, em 1935, Lourenço Filho, refazia a imagem do amigo e dizia, em carta: "verifico que (em aspectos sociais e do pensamento) você é menos americano do que eu próprio suponha".¹ Na volta da sua segunda viagem aos Estados Unidos, Anísio enfrentou o problema da coerência: ou modificava sua realidade ou mudava as relações com ela mantidas. Separou-se física, afetiva e mentalmente daqueles que com ele coabitaram o universo simbólico anterior. Sai da Bahia e refaz a vida na capital da República. Certas amizades cederam lugar a outras: encontrou Monteiro Lobato e Fernando de Azevedo. Ampliou suas leituras: William James, Bertrand Russel, Wells. Também Baudelaire, Proust, Dostoiévski e outros grandes talentos literários universais. Referindo-se ao ano de 1929, numa carta a Fernando de Azevedo, do início dos anos 60, afirmava: "Tenho a impressão que foi nesse ano que me encontrei comigo mesmo".²

O rompimento com a Igreja não significou a liberação das marcas da pedagogia inacioniana na sua personalidade. Às vésperas da sua morte, já no ano de 1971, comentava com Fernando de Azevedo: "Com religião, ou sem religião, a realidade é todo esse impenetrável mistério, de que não há saída se não por essas pequenas frestas abertas ao espírito humano".³ "Guardei de minha formação religiosa o sentimento de que viver é servir e nada mais esperar do que o conforto desse possível serviço".⁴ Ao final dos anos 20, esse serviço ganharia uma direção nova. Dentro dele separaram-se definitivamente a Igreja e o Estado. Emergia, na luta dolorosa entre seus antigos sentimentos de fidelidade ao divino e às autoridades constituídas, a *liberdade de pensamento e de expressão de si mesmo no mundo*. Essa defesa pauta a sua conduta, pelo árido caminho da tolerância. Motiva seu desejo de exercer a pedagogia como bem de convivência, que não

constrange ninguém a optar por uma idéia sobre a qual não tem clareza. É a questão de fundo de um projeto de recriação da cultura que atravessa todas as classes sociais. É a realocação da fidelidade, não mais aos dogmas de qualquer espécie, sejam eles religiosos ou científicos, mas à dança da própria vida. A fé incorporava a dúvida. A liberdade de pensamento acarretou a liberdade de opinar, de crer. Permitiu-lhe revolver todos os aspectos contraditórios de si mesmo. *Dialético, sem ser marxista!*

A segunda ruptura

Eis Anísio em sua mesa de trabalho, que é também uma mesa de existência a serviço da educação. Redige o programa do Partido Autonomista do Distrito Federal. Estamos no mês de fevereiro de 1935. Na introdução desse programa aponta a necessidade do Estado assumir o papel regulador da distribuição de bens, denuncia o fracasso da fórmula personalista das organizações partidárias nacionais. Apresenta o prefeito Pedro Ernesto como liderança confirmada pelo voto popular, pela primeira vez na história da cidade, destacando o sentido radical da sua obra pública, obra que ajudou a construir.

Dispara críticas: às organizações políticas liberais, que não percebiam a necessidade de homogeneidade e coesão, aos extremistas de esquerda e aos extremistas de direita que, no seio das suas organizações, tornavam-se pequenos sacerdotes ativos e operantes dos ideais e das soluções do seu partido, todas essas atitudes contrárias à formação de uma mentalidade aberta.

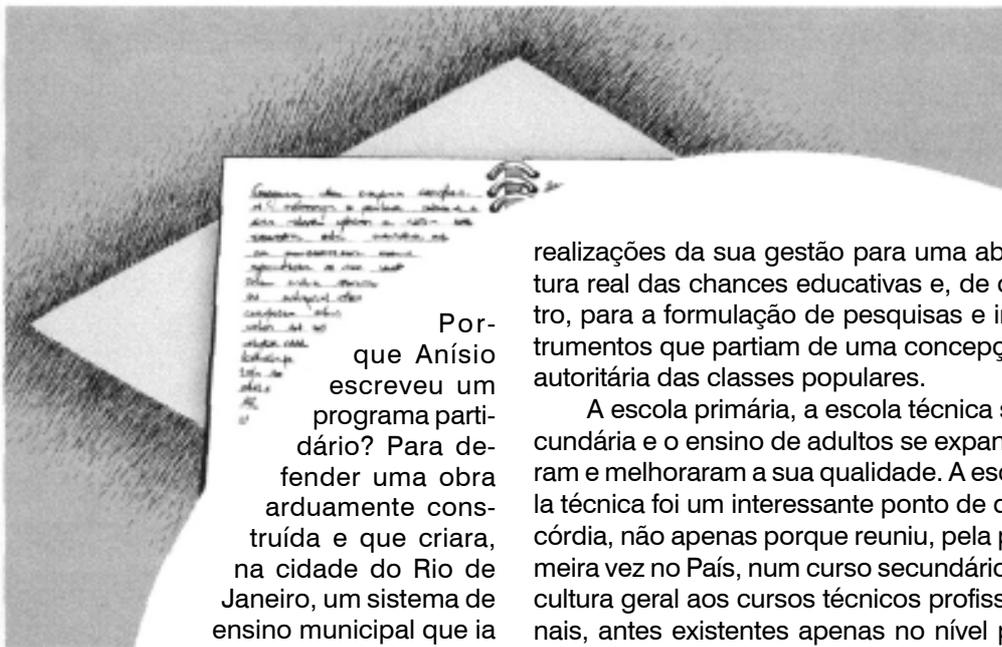
Propõe um partido para o qual a primeira necessidade é a difusão da cultura e do esclarecimento público dos problemas brasileiros e de suas possíveis soluções. *Todo esse esforço acompanhado de rigorosa liberdade de palavra e de imprensa*. O partido revolucionário, como ele o chamava, mas que também foi denominado de Partido Autonomista do Distrito Federal, não precisaria da censura ou do segredo. As idéias deveriam triunfar pelo seu mérito. O que este partido procuraria garantir era um padrão mínimo de educação e de informação, a defesa e manutenção da saúde e os direitos sociais elementares da honra, como o da subsistência, trabalho e conforto relativo.

¹ Carta de Lourenço Filho a Anísio Teixeira em 31/1/1935. Arquivo Anísio Teixeira, série Correspondência, AT c 29.11.01, documento n. 15, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

² Carta de Anísio Teixeira a Fernando de Azevedo, em 15/2/1960 (Vidal, 2000, p. 132).

³ Carta de Anísio Teixeira a Fernando de Azevedo, em 4/2/1971 (Vidal, 2000, p. 155).

⁴ Carta de Anísio Teixeira a Fernando de Azevedo, em 18/1/1971 (Vidal, 2000, p. 152).



Por-
que Anísio
escreveu um
programa parti-
dário? Para de-
fender uma obra
arduamente cons-
truída e que criara,
na cidade do Rio de
Janeiro, um sistema de
ensino municipal que ia
da escola primária à uni-
versidade e que corria

sérios riscos numa conjuntura na qual o pensamento autoritário crescia dentro do Estado e na própria sociedade, onde as posições políticas se radicalizavam, onde se gestava, como o ovo da serpente, a ditadura varguista. Paschoal Lemme não compreendia a indiferença de Anísio quando lhe alertou sobre a conveniência de não opor qualquer obstáculo ao pleno cumprimento do dispositivo constitucional, elaborado por Francisco Campos, que garantia a presença do ensino religioso nas escolas públicas. Chegou a comentar que Anísio parecia não se preocupar com a formidável onda que ia se agigantando contra ele, movida pelas incompreensões, ignorância e má-fé. Má-fé que rotulava sua obra de anárquica, dissolvente dos costumes e desagregadora da sociedade (Lemme, 1988, v. 3, p. 143-147).

Essa "obra anárquica", como taxavam os opositores de Anísio Teixeira, contou com uma equipe que reuniu grande número de colaboradores dos mais distintos matizes ideológicos: católicos, liberais, comunistas, pensadores de direita e pensadores de esquerda. Como foi possível reunir pessoas tão diferentes numa obra comum? Só podemos compreender essa possibilidade se visualizarmos o Estado sinalizando seu desejo de introduzir o Brasil na modernidade. As portas se abriram. Urgia entrar e tentar. A habilidade coordenadora de Anísio lidou com a tensão entre inflexões que, de um lado, empurravam as

realizações da sua gestão para uma abertura real das chances educativas e, de outro, para a formulação de pesquisas e instrumentos que partiam de uma concepção autoritária das classes populares.

A escola primária, a escola técnica secundária e o ensino de adultos se expandiram e melhoraram a sua qualidade. A escola técnica foi um interessante ponto de discordância, não apenas porque reuniu, pela primeira vez no País, num curso secundário, a cultura geral aos cursos técnicos profissionais, antes existentes apenas no nível primário, mas também porque valorizou os seus diplomas, além de introduzir a participação dos estudantes, organizados em conselhos, na gestão escolar. As bibliotecas, sobretudo a biblioteca infantil, grande novidade, e as bibliotecas de classe dinamizaram a pedagogia. A rádio educativa colocava o governo municipal falando diretamente aos corações e mentes das famílias cariocas. O professor primário foi prestigiado pois, pela primeira vez no País, sua formação ocorreu em nível superior na então recém-criada Universidade do Distrito Federal (UDF). A educação foi instituída como área de investigação acadêmica. Ao mesmo tempo, porém, sob sua gestão, produziam-se pesquisas no Instituto de Pesquisas Educacionais, como as de Arthur Ramos, que defendiam o controle brando das crianças, ou ainda, aplicavam-se, nas escolas primárias, apesar das suas discordâncias, os testes classificatórios de alunos.

Anísio Teixeira participava da mentalidade da sua época e acabou endossando o papel disciplinador da escola sobre a cidade, ao lidar com a heterogeneidade das classes populares e de suas crianças dentro delas, mas não o fez, como alguns de seus colaboradores, de forma a identificar a heterogeneidade como carência de atributos intrínsecos do sujeito pobre. Ele deslocou a carência do indivíduo para a omissão dos governos na direção da reconstrução das condições sociais e escolares. Não considerou as classes populares urbanas como obstáculos sociais e políticos e por

esse motivo defendeu a educação como instrumento de superação de uma carência que não é do indivíduo, mas da cultura erudita que lhe faz falta. Pode perceber que a desigualdade entre as pessoas não estava dada. Era feita.

A obra comum da equipe de Anísio não impediu as divergências e as críticas aos seus colaboradores e até mesmo aos amigos mais queridos. Críticas que despontam pelas margens ou, como ele preferia dizer, em pontos menos exatos. Ao comentar, no começo dos anos 30, o bem-sucedido livro de Lourenço Filho, *Introdução ao estudo da Escola Nova*, Anísio apontou a sua visão rígida da técnica pelo esvaziamento de aspectos substantivos do pensamento filosófico.⁵ Ao considerar a avaliação da aprendizagem como uma atitude inerente a qualquer iniciativa escolar, ele abriu espaço para recolocar a avaliação enquanto prática suscetível de crítica no seu processo mediante os seus resultados, relativizando o valor dos testes tão defendidos por Lourenço Filho e Isaías Alves.

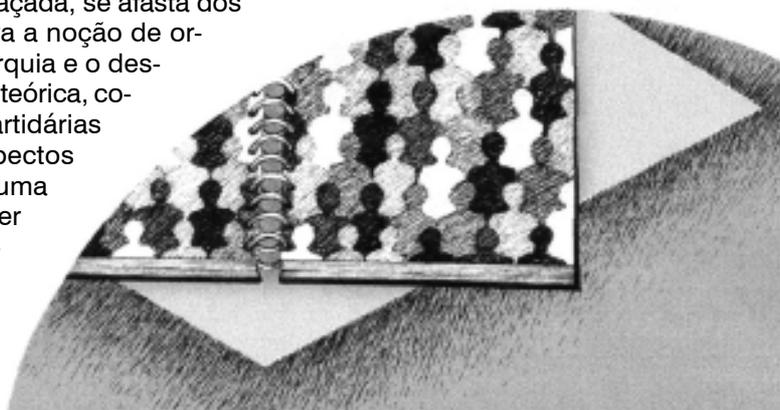
Já nos anos 40, ao comentar, a obra *Sociologia educacional*, de autoria de Fernando de Azevedo, afirmava, numa belíssima carta, que "a educação é sobretudo um sentido". Perguntava-se: "e este sentido é arbitrário ou imposto pelas instituições?" Afirmava: "Creio que em educação sempre haverá mais necessidade de filosofia do que de ciência (...) a educação é, sobretudo, uma arte que progride como progride a música".⁶ Anísio nunca abandonou a concepção da educação como uma prática atravessada pela ciência e, ao mesmo tempo, pela arte. É pela filosofia e pela arte que relativiza o peso da ciência na educação. É pelo seu amor a ambas que, mesmo tendo escrito um programa partidário no momento em que sua obra estava ameaçada, se afasta dos partidos. Ele recusava a noção de ordem, lealdade, hierarquia e o desprezo pela discussão teórica, comuns nas hostes partidárias de então. Esses aspectos criavam, em Anísio, uma antipatia por qualquer filiação, mas não impediram que ele convidasse homens de partido, comunistas como Leônidas

Rezende e Edgardo Castro Rebelo, para ingressarem nos quadros da Universidade Federal. Essa atitude de Anísio não era isolada. Nesse caso, ele se aproximava de artistas e escritores que defendiam explicitamente sua independência de criação e a usavam para justificar a sua não-adesão a partidos políticos de qualquer espécie. Essa não-adesão convivia com uma certa simpatia militante por algumas idéias comunistas, da qual partilhavam Carlos Drummond de Andrade e Paschoal Lemme (Andrade, 1983, p. 9; Lemme, 1988, v. 2, p. 214). Jorge Amado, eleito deputado do Partido Comunista Brasileiro, por São Paulo em 1945, dedicaria a Anísio Teixeira, a quem considerava o amigo das crianças, o seu livro *Capitães de areia*.

À medida que, em meados dos anos 30, a modernização autoritária se firmou, Anísio Teixeira catalizou a perseguição de católicos e pensadores autoritários. Sua gestão foi avaliada como uma estratégia de oposição dentro da estratégia oficial e, como tal, foi combatida e interrompida. Os católicos invadiram a prefeitura e controlaram os serviços educativos. *Vencera o projeto repartido de educação: para o povo, uma educação destinada ao trabalho e para as elites, uma educação para usufruir e exercer a cultura*. Anísio opusera ao nacional, o democrático entendido menos como conjunto de mecanismos de participação dos indivíduos na sociedade política e mais como mecanismos de democratização da sociedade civil (Warde, 1984, p. 105-139). A reforma por ele conduzida empurrou a escola para fora de si mesma, ampliando sua área de influência na cidade. Atravessou o espelho da cultura européia e norte-americana, articulando o saber popular ao acadêmico. Retirou o problema da educação da tutela da Igreja e do Governo Federal. Todos esses aspectos

⁵ TEIXEIRA, Anísio. *Comentários sobre a Introdução ao estudo da Escola Nova*. Arquivo Anísio Teixeira, série Produção Intelectual, AT pi Teixeira, A. 20/30.00.00/1, CPDOC/FGV; Parecer Crítico. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. Arquivo Lourenço Filho, série Produção Intelectual, LF/S ass. pi 30/32.00.00, CPDOC/FGV.

⁶ Carta de Anísio Teixeira a Fernando de Azevedo, em 20/4/1940 (Vidal, 2000, p. 43).



marcam o caráter polêmico da sua gestão, graças à sucessão de conflitos que se criaram em vários níveis: no nível governamental, no nível ideológico e no interior das próprias escolas.

Anísio Teixeira atravessou o seu segundo deserto: o da solidão. Como afirma Renato Janine Ribeiro (1987, p. 241), no pós-fácio ao livro de Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*, "nem toda confissão é uma vitória da tortura; porque às vezes a pior tortura é ter a voz silenciada". A opressão política calou a voz de Anísio, dos seus colaboradores, dos seus admiradores. A memória da formidável obra pública que ele e seus colaboradores empreenderam foi apagada. Escrevendo a Anísio, em meados dos anos 40, Monteiro Lobato rememora:

Lembro-me quanto te vi no Rio de Janeiro (perseguido) pela polícia, escondido pelos amigos como um grande criminoso – e naquela ocasião também chorei. To whom the bells toll? Todos estávamos implicitamente perseguidos, foragidos, escondidos com você (...) Dez anos passou você caminhando como minhoca por baixo da terra escondido da Reação Triunfante, mas caminhando sem o saber.⁷

Na mesma mesa em que Anísio escrevera o Programa do Partido Autonomista do Distrito Federal, Francisco Campos escreveria a Constituição do Estado Novo. O volume e o teor das cartas recebidas por Filinto Müller, em meados dos anos 30, ávidas pelo combate e repressão ao comunismo, revelam que Anísio tinha razão quando escrevia a Hermes Lima mostrando a importância da formação da opinião pública no combate aos dogmas, aos medos, aos preconceitos e aos fanatismos de qualquer espécie (Nunes, 2000, p. 511). Tornara-se um trabalhador gasto e desmoralizado pelo fascismo brasileiro. Acusado de tapeador público por Everardo Backeuser. Denunciado nos subterrâneos do Serviço Secreto da Polícia varguista ao lado de estupradores, estelionatários e mandantes de homicídio.⁸ Viria a revanche? Mais traduções aconteceram. A família aumentou com os novos filhos que chegaram. Mineirou manganês no Amapá e vendeu carros em Salvador. Os tocos da sua obra, como profetizara Lobato, ficaram enterrados para brotar de novo. Em meados dos anos 40 finalmente era reconhecido pela Unesco, que o convidava para sua inserção na entidade como conselheiro do ensino superior.

Sua dura experiência nos anos da ditadura varguista não seria a única. De onde vinha a força para enfrentar a hostilidade contra a realização da educação popular e realizar o sonho de um país cidadão, humano e solidário? De todo o período de realizações dos anos 30 e o posterior silêncio a que foi submetido, Anísio carregou uma convicção, a de que as questões sociais eram manifestações da cultura e de que era preciso combater os problemas que a industrialização trazia. Afirmava:

... com a industrialização desapareceu a integração entre o homem e o seu trabalho, que dividido e superdividido passou a ser esforço coletivo e impessoal. Depois, com o desenvolvimento do saber, também este passou a ser especializado e não oferecer senão algo muito reduzido de saber realmente comum. Com isso desfez-se a integração entre o homem e o saber. Com a democracia, por fim, entendida como processo de maior participação de cada indivíduo nos bens da vida, esses bens passaram a ser concebidos como bens materiais, únicos que eram possíveis ao acesso de cada indivíduo. E a democracia fez-se uma democracia de consumo, o homem se sentindo tanto mais importante quanto mais pudesse consumir.⁹

Para ele, a civilização da abundância estava exagerando a importância dos bens de consumo e não era neles que residia a felicidade humana. Essa tão acalentada felicidade só se concretizaria com a integração do homem ao trabalho e à cultura. *Caberia ao Estado ser o principal promotor da escolarização e difusor da cultura junto às classes populares.* Ao lado dessa convicção, carregava, também, na sua valise de peregrino, a incômoda questão que o acompanhava desde a juventude e que, já na maturidade, vislumbrava no seu ponto mais agudo: *Qual a magnitude da pobreza brasileira?* Aprendera, na primeira metade da sua vida, que a pobreza não é só a destituição dos bens materiais. É também a repressão do acesso às vantagens sociais. Não é só fome! É também segregação, degradação, subserviência, aceitação de um Estado avassalador e prepotente. A pobreza brasileira era também, e no mesmo grau de importância da pobreza material, a pobreza política. O seu contrário emergia no horizonte dos direitos humanos e civis: a cidadania organizada.

⁷ Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira, em 1/1/1947 (Vianna, Fraiz, 1986, p. 101).

⁸ Carta de Sebastião Menezes a Filinto Müller em 8/2/1938. Arquivo Filinto Müller, série Chefatura de Polícia do DF, FM 33.02.21 cph/ad, documento II-52, CPDOC/FGV.

⁹ TEIXEIRA, Anísio. Esboço de um trabalho distinguindo a função dos políticos e pensadores de um lado e dos técnicos de outro, dentro da atividade educacional nacional. Arquivo Anísio Teixeira, série Produção Intelectual, AT pi Teixeira, A. 00.00.00/17, CPDOC/FGV.

A terceira ruptura

No dia 9 de abril de 1964, o reitor da Universidade de Brasília (UnB), Anísio Teixeira, o vice-reitor Almir de Castro, os professores e os funcionários foram surpreendidos por uma operação insólita: tropas do Exército e da Polícia Militar de Minas Gerais tomaram de assalto o campus. Era a primeira de outras duas invasões que ocorreriam em 1965 e 1968. Os policiais procuraram armas. Inspecionaram minuciosamente a reitoria, a biblioteca, todos os escritórios em todos os setores. Prenderam professores e estudantes. Anísio Teixeira é demitido do seu posto, ao lado de todo o Conselho Diretor da Fundação da universidade.¹⁰ A autonomia universitária é violentamente agredida. Essa agressão dispara uma campanha de difamação do trabalho até então desenvolvido com dificuldades, mas com muita dedicação e esperança, trabalho espezinhado por setores da imprensa que se aliaram ao regime militar sob os rótulos da irresponsabilidade, da indisciplina, da subversão, do atentado à doutrina da segurança nacional. Mais uma vez o Estado desqualificava a obra para que a sociedade lhe retirasse o apoio e, no enfraquecimento, a repressão pudesse agir: para aniquilar. De novo as lágrimas de Alcides da Rocha Miranda que, lembrando a UDF, chorava a UnB. De novo a perseguição, a prisão de intelectuais.

Anísio elaborou o anteprojeto da Universidade de Brasília a convite de Juscelino Kubitschek e de Clóvis Salgado, no momento em que também organizava o Plano Educacional de Brasília. Convidou Darcy Ribeiro para discutir sua proposta. Se não fosse esse gesto de Anísio, Darcy Ribeiro não teria participado da fundação da universidade. Polemizaram sobre a sua organização. Anísio, defendendo a tese de que a UnB deveria ser estruturada para operar apenas como centro de pós-graduação, destinado a preparar o magistério superior do País e Darcy contra-argumentando que, ao lado da pós-graduação, os cursos de graduação seriam indispensáveis (Ribeiro, 1978, p. 14). O processo de discussão da universidade passou, em 1960, pelo fórum da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), especialmente instalado para discuti-la. Quando a universidade foi finalmente criada, já no governo de João Goulart, Anísio não aceitou o cargo de reitor que lhe

fora oferecido. Assumiu a vice-reitoria da instituição para prestigiar Darcy Ribeiro e socorreu diversas vezes a universidade em seus momentos iniciais, através da transferência de verbas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), do qual era diretor desde meados dos anos 50, para a Fundação Universidade de Brasília (Ribeiro, 1978, p. 33).

Anísio fez do Inep uma instância de condução da política educacional dentro do Ministério da Educação e Cultura (MEC), pelo manejo e destinação de verbas e pela criação de uma infra-estrutura para a pesquisa social e educacional no país que colocou, lado a lado, cientistas e educadores em projetos comuns através do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e dos Centros Regionais, que funcionaram em São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. Através de convênios do Inep com as secretarias estaduais, o MEC se propunha a equipar escolas que ampliassem a escolaridade primária para seis anos, a construir centros de aperfeiçoamento docente. Com essas medidas, que canalizavam verbas públicas para instituições públicas, e a defesa do controle da formação do professor primário pelo poder público, através do exame de estado, ele irritou as instituições confessionais católicas e os deputados interessados no fornecimento de verba do Inep para a construção de escolas rurais transformadas em moeda de troca eleitoral.

Toda a grande polêmica provocada pelo livro *Educação não é privilégio* no ano de 1957, da qual a publicação do *Memorial* dos bispos gaúchos, solicitando a exoneração de Anísio Teixeira do Inep é uma consequência, dentre outras, colocou em xeque uma vocação pública num país de ferozes interesses privatistas. Mais uma vez Anísio catalisava a ira dos católicos que fizeram da *Revista Vozes* sua trincheira de luta.¹¹ Mas, ao polemizar contra a Igreja, Anísio acionava, através dos seus pronunciamentos, a opinião pública, os órgãos do legislativo, do executivo, a própria universidade e setores combativos da intelectualidade, colocando em foco a necessidade da expansão e da qualidade de uma formação pública comum de todos os brasileiros. A luta agora se fazia no sentido de se contrapor aos interesses privatistas sobre a educação na Lei de Diretrizes e Bases.

¹⁰Um excelente trabalho de depoimento pessoal e divulgação de documentos sobre os dois primeiros anos de funcionamento da UnB é realizada por Salmeron (1999).

¹¹A história do livro *Educação não é privilégio* está escrita no postácio que dediquei ao livro na sua reedição (cf. Nunes, 1994).

A capacidade de suportar a avalanche de críticas que recebeu, tanto nos anos 30 quanto nos anos 50, e que impressionava seus colaboradores diretos, era resultado visível da pedagogia da Companhia de Jesus. A arte de governo da Companhia talhou, nele, a indiferença inaciana, uma formidável resistência psicológica construída no embate dos exercícios espirituais, quando a alma atravessa suas noites escuras, e constrói uma profunda adesão aos valores sagrados. A educação para ele foi um valor sagrado. A indiferença inaciana, extremamente ativa e vigorosa nele, foi colocada à serviço da causa pública à qual se dedicou e que o levou não só a enfrentar lutas duras, mas também incluiu uma das mais belas realizações da educação popular no País, já no final dos anos 40: a conhecida Escola-Parque, ao lado das classes comuns de ensino, no bairro operário da Liberdade. De novo, uma escola feliz, que reunia às classes comuns de ensino as práticas de trabalho, artes, recreação, socialização e extensão cultural.

Nos anos 60, no entanto, sua trajetória foi novamente colocada à prova. A ditadura militar constrangeu a UnB e quebrou, como dizia Darcy Ribeiro, uma das coisas mais importantes que Anísio fizera no País: o Centro Brasileiro e os Centros Regionais de Pesquisas. De novo se frustrava a tentativa de tornar a educação uma área de investigação acadêmica. O Inep foi desativado como agência de produção da pesquisa educacional, tornando-se, primeiramente, um órgão burocrático e depois uma agência financiadora de estudos e pesquisas na área. Algumas das suas publicações como *Educação e Ciências Sociais* foram suspensas e outras, como a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, passaram a ter edição irregular. Os acervos documentais e bibliográficos, laboriosamente organizados pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, foram dilapidados.

Anísio Teixeira atravessou o seu terceiro deserto: o do ceticismo. Banido, suspeito, excluído. Respondeu à violência com o seu trabalho, o trabalho possível, como professor visitante em universidades estrangeiras, tradutor, conferencista, membro integrante do Conselho Nacional de Educação, idealizador do Instituto de Estudos Avançados em Educação (Iesae), no Rio de Janeiro. Numa carta que Anísio

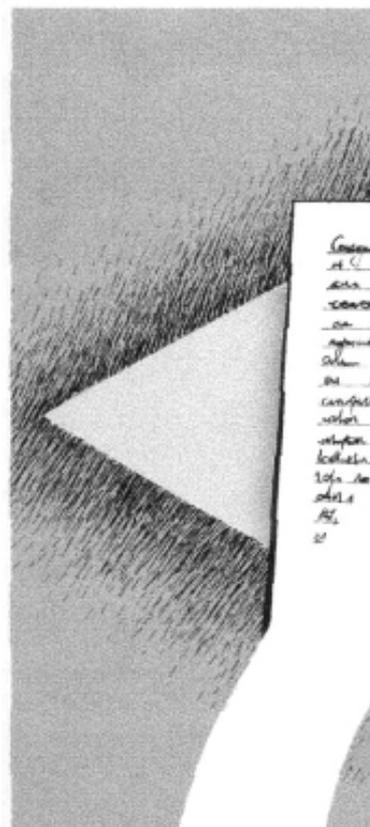
Teixeira escreve a Monteiro Lobato, em janeiro de 1947, ele afirma: "Os sonhos não se realizam sem que primeiro se armem os andaimes. E uma construção em andaimes pede imaginação e amor para ser compreendida".¹² Uma escola pública com um ensino básico de qualidade para todos, onde a pesquisa é assumida como componente do ensino, e em que os espaços e os tempos da educação sejam significativos para cada sujeito dentro dela. Uma escola bonita, moderna, integral em que o trabalho pedagógico apaixona e compromete professores e alunos. Uma escola que construa um solidário destino humano, histórico e social foi o grande sonho de Anísio Teixeira, para o qual procurou construir os andaimes.

A violência barrou suas iniciativas, mas não venceu a sua implacável denúncia de que a privação da educação torna impossível até a simples sobrevivência. Anísio estava convencido de que, sem a qualidade cognitiva e psicossocial das experiências de conhecimento, não existem vivências da esperança. E a escola, tal como ele e seus colaboradores pensaram, e concretamente criaram, pretendia instituir-se como organizadora da esperança em vidas humanas concretas. Mas a organização da esperança assusta, porque desestabiliza privilégios. Porque exige, sobretudo, a paciência dos recomeços.

Em toda a produção de Anísio Teixeira, nos seus 40 anos de vida pública, o tema da democracia no âmbito da escola e fora dela foi decisivo e se impôs sobre outros temas, ganhando na sua obra, mas principalmente com a sua vida, uma entonação própria, distinta mesmo de outros intelectuais que colaboraram com os seus projetos ou se opuseram a eles. Do ângulo da educação popular, as construções escolares que edificou, tanto no Rio de Janeiro, quanto em Salvador, foram palco de uma expansão regulada tanto das atividades dos estudantes, quanto da sua comunicação interativa. Os espaços de aprendizagem na escola se ampliaram e diversificaram.

Do ângulo da formação dos intelectuais, a trajetória de Anísio Teixeira em defesa da universidade pública e de instituições públicas de pesquisa ou de financiamento à ela, como a Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (Capes), que, sob a sua condução, se transformou em órgão, tem implícita a convicção de que

¹²Carta de Anísio Teixeira a Monteiro Lobato, em 29/1/1947 (Vianna, Fraiz, 1986, p. 104).



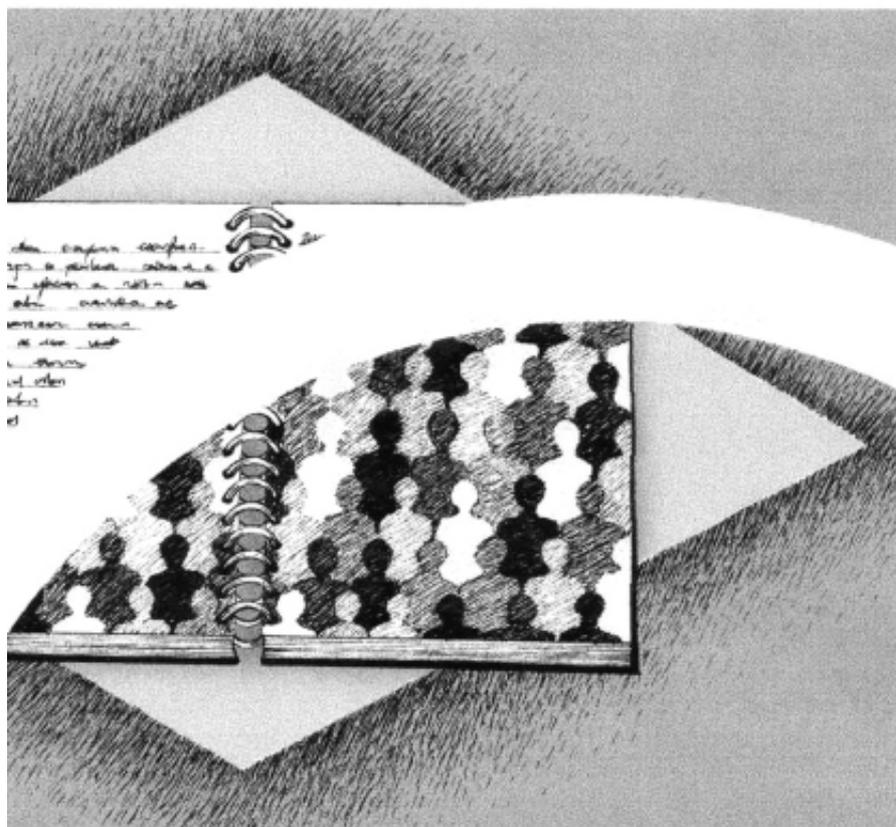
não há país capaz de sobrevivência digna sem instituições, sobretudo como a universidade, que produzam conhecimentos e proponham soluções próprias às questões que o afligem. Mas o que gostaria de enfatizar, na sua defesa do ensino e da pesquisa, e que geralmente não tem merecido suficiente destaque, é a *liberdade de criação*. Graças a uma interlocução ativa dentro do pensamento social brasileiro, com os nomes mais destacados da intelectualidade, Anísio colocou a educação em sintonia com os avanços das demais ciências humanas e sociais. Colocou-a também em permanente diálogo com a arte, concebida no sentido antropológico, como defendia Mário de Andrade e não no sentido monumental que lhe conferiu, por exemplo, o virtuosismo de Villa Lobos. Em Salvador, no final dos anos 40, elaborou o Projeto Educação pela Arte e fez construir, sob a liderança de Alcides da Rocha Miranda, um Centro Educativo de Arte Teatral, destinado à dança e à música (Salmeron, 1999, p. 45). No Rio de Janeiro manteve constante interlocução com Augusto Rodrigues e seus companheiros da famosa Escolinha de Arte do Brasil, que constituía, como afirmou em meados de

1970, uma das poucas e importantes inovações pedagógicas do País (Costa, 1994, p. 3).

O que se manifesta por trás e por dentro das rupturas apresentadas dessas constelações de sentido, presentes na obra de Anísio, é a atualíssima questão da relação dos intelectuais com o poder, a tensão entre a competência e o compromisso assumido, o pretendido e o viável, a tradição e a invenção, a desagregação e a construção social. Hoje, quando celebramos a presença viva de Anísio Teixeira na nossa memória, eu me pergunto se realmente podemos alcançar o significado de sua obra. A prudência me impele pelo menos a destacar a apropriação que podemos fazer das suas concepções no momento atual, o que pode sugerir alguns caminhos. Distingua ele, em *Educação no Brasil*, obra de 1969, presentes efervescentes e presentes estagnados. Nos primeiros o passado estaria vivo, entreabrindo o futuro. Nos outros, o presente seria depreciado em nome de passado transformado em objeto de culto nostálgico e paralisante. Com lucidez, continuava: "Toda verdadeira crise humana é uma crise de compreensão do presente (...) Cabe-nos (...) tornar o presente compreensível, a despeito das contradições, por intermédio do que chamamos cultura" (Teixeira, 1969, p. 367-385).

O centro da nossa crise atual é a violência encarnada nas instituições, com todas as suas múltiplas faces e perigos: na família, onde muitas situações revelam a desproteção de crianças, mulheres e idosos; na escola, espaço de discriminação, de exclusão de classe, etnia e gênero. No trabalho, urbano ou rural: a presença precoce da criança, os índices alarmantes de acidentes, o esvaziamento das organizações sindicais, a violação dos direitos e a desumanidade das relações, condições e processos de trabalho. Na política: a hegemonia da globalização financeira que reduziu o papel dos estados nacionais e o controle social democrático sobre o rumo do atendimento às necessidades fundamentais da pessoa humana, a recolonização latino-americana, a corrupção no trato da coisa pública.

A globalização econômica tem revelado a tirania do dinheiro e também da informação, o crescimento da miséria, a crise de identidade e a manutenção da injustiça social. Se o centro da crise atual é a violência que cresce, diante da ausência de sentido para se estar no mundo, o mais grave é



o quanto ela está instalada dentro de nós, em maior ou menor grau, também impregnados pela cultura do consumismo, pela atitude de negação ou resignação diante do sofrimento alheio, banalizando-o, aprendendo-o de forma dissociada da injustiça que o acarreta.

A crise do presente na educação contemporânea não é apenas problema dos outros, que não a possuem, mas de todos, sobretudo dos próprios educadores. "A pedagogia atua apenas sobre o humano. A ela interessa constituir aquele grupo humano com o qual qualquer projeto futuro pode contar" (Teixeira, 2000, p. 106). Aqueles que realmente se dedicam e acreditam. A utopia está justamente aí, nesse sentir-se. Nessa perspectiva, a utopia não tem alvo externo. Enraíza-se nesse fazer parte, nessa companhia, na socialização das nossas experiências mais íntimas tanto na escola quanto no trabalho (Teixeira, 2000, p. 105-107 e 128). Nessa socialização de experiências, a negação e a recusa ao reconhecimento do nosso sofrimento no trabalho e na escola constitui importante obstáculo ao reconhecimento do sofrimento dos que estão sem trabalho e sem escola (Dejours, 1999, p. 46). É possível que se alegue que esse sofrimento não é algo novo. Sempre existiu. De fato, o novo não está na iniquidade, na injustiça ou no sofrimento imposto ao outro. Está no fato de que hoje essa imposição pareça razoável, justificada. A novidade está, como denuncia Christophe Dejours (1999, p. 139), na banalização das condutas injustas que constituem a trama. Como pertencer, sem dialogar com o mundo que nos cerca? Como dialogar, sem realizar a crítica ao nosso próprio modo de pensar? Anísio dizia, e cito de memória, que "o pensamento é o ato mais vigiado de todos".

A violência internalizada, *mas velada*, de confinarmos idéias ou pessoas a julgamentos e rótulos antecipados e definitivos, vítimas de nossos preconceitos e de avaliações equivocadas e parciais sobre as ações humanas precisa ser combatida. "A utopia não aceita seres humilhados, diminuídos, amputados. A pedagogia mais próxima da utopia é a que coloca à disposição de cada ser humano toda a cultura humana" (Teixeira, 2000, p. 137). "É pela pedagogia que a utopia atua sobre a política e a economia" (idem, *ibidem*, p. 6). Nessa direção, a obra de Anísio Teixeira é um convite para que resgatemos o sentido da

qualidade da educação no que tem de substantivo, ou seja, enquanto conjunto de transformações sociais que visam eliminar privilégios, hierarquias e desigualdades, o que se faz mais do que nunca, hoje, decisivo e urgente.

Celebrar Anísio Teixeira, nesta oportunidade, é advertir para o fato de que os homens capazes de manter o desejo pela educação por toda uma vida, como ele o fez, apesar das rupturas que as circunstâncias lhe impuseram, são imprescindíveis e, hoje, cada vez mais raros. A obra de Anísio Teixeira é resultado da eleição da educação como foco de trabalho. A obra de Anísio e de seus companheiros, como nos ensinou Antonio Candido, não foi revolucionária, mas expressão de um pensamento radical, que operou um significativo deslocamento para a frente, na direção da solidariedade e da justiça social. E isto precisa ser reconhecido e valorizado.

Entre o passado de Anísio e o nosso presente há sucessivas camadas de pensamento que se interpõem e que de formas diferentes e variadas acolheram o que pensou, escreveu e concretizou em obras que se apresentam, ainda, à frente do nosso próprio tempo. *O Anísio que se torna referência está entre nós!* Anísio já não é mais árvore, como pretendia, quando escreveu a Monteiro Lobato falando da *secura* feliz de apenas existir, sem mais nada desejar.¹³ É *rizoma*. Espalha-se numa simultaneidade de rostos inventados a cada decisão que o acolhe. Ao mesmo tempo, escapa. Sempre: escolanovista, tecnicista, americanista, liberal, conservador, pioneiro, visionário, romântico, iluminista, comunista, reacionário. No entanto, volta. Sempre: como esperança após cada fracasso; na exigência de uma fraternidade que não se debruce no vazio, mas eleja como alvo nossas relações concretas no cotidiano; no resgate da memória e da história da nossa sociedade e da nossa educação; na generosa militância da cultura e no exercício digno da política; no diálogo da ciência com a arte; em projetos de educação que integrem a cultura e o trabalho. Volta, sobretudo, na força que nos move na defesa de que, no novo milênio que se inaugura, a educação, em nossa sociedade, seja expressão legítima do direito de todos os brasileiros.

¹³ Carta a Monteiro Lobato, em 19/7/1941 (Vianna, Fraiz, 1986, p. 87).

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Entrevista de Carlos Drummond de Andrade ao programa Depoimentos*, realizada em 20/11/1983. Rio de Janeiro: Fundação Cândido Portinari: PUC-RJ, 1983.
- COSTA, Mauro José Sá Rêgo. *O artista na sala de aula: outras perspectivas para a educação artística*. Rio de Janeiro, 1994. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- LEMME, Paschoal. *Memórias*. São Paulo: Cortez; Brasília: Inep, 1988. 5 v.
- NUNES, Clarice. *A poesia da ação*. Bragança Paulista: Edusf, 2000.
- _____. Prioridade número um para a educação popular. In: TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. p. 197-250.
- RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- RIBEIRO, Renato Janine. Pós-fácio. In: GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 235-241.
- SALMERON, Roberto. *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965*. Brasília: Ed. UnB, 1999.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.
- TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. *O discurso que faz o elogio da Pedagogia*. São Roque, 2000. Mimeografado.
- VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila. *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1986.
- VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: Edusf, 2000.
- WARDE, Miriam. *Liberalismo e educação*. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Recebido em 8 de julho de 2001.

Clarice Nunes é professora do curso de mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá (Unesa) e pesquisadora associada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Abstract

If still alive, Anísio Teixeira would complete one hundred years old. Celebrating his trajectory is to bring to the center of our reflections decisive moments of education history. He was part of an urban intellectual generation that, mainly lasted from the passage of 19 to the 20 century, took the responsibility of discussing the modernity of political projects

from the point of view of the Brazilian society and public. Working in the major urban centers in Brazil, leading the famous public instructions reforms in the 1920's and 30's, these intellectual created not only the possibility of structuring the educators identification, but above all, they interfere in the symbolic ordination of cities, creating new urban representations and new roles for the professionals. Comprehend the mobile of this action is in part the objective of this text. For this reason, it is consider the trajectory of Anísio Teixeira, the main representative of the Pedagogical democracy tradition of our country.

Keywords: Anísio Teixeira; biography.
